

GUIA PARA MÃES E PAIS · GRATUITO



Sua filha está lendo! *Você sabe o quê?*

Um guia rápido para mães sobre o que sua filha está lendo.

FAÍLA THOMÉ · PSICÓLOGA E LOGOTERAPEUTA

Esse guia não existe para te assustar

Ele existe porque hoje circula, entre meninas de 12, 13, 14 anos, um tipo de livro que quase nenhuma mãe sabe que existe — e que ninguém está classificando, sinalizando ou avisando.

Meu papel aqui não é julgar como a sua família educa. Isso é dentro da sua casa, e eu respeito. Combinado é seu, moralidade é sua, decisão é sua.

Meu papel é outro: é te perguntar se você está ciente.

Se você estiver, e decidir que está tudo bem — ótimo, é uma escolha sua e ela é legítima. Mas se você achava que tinha alguém cuidando disso por você, eu preciso te contar que não tem.

Você vai levar 15 minutos lendo isso.

E vai sair sabendo exatamente o que fazer.



01

O que é dark romance

O gênero que circula de mão em mão nas escolas — e o nome que você precisa conhecer.

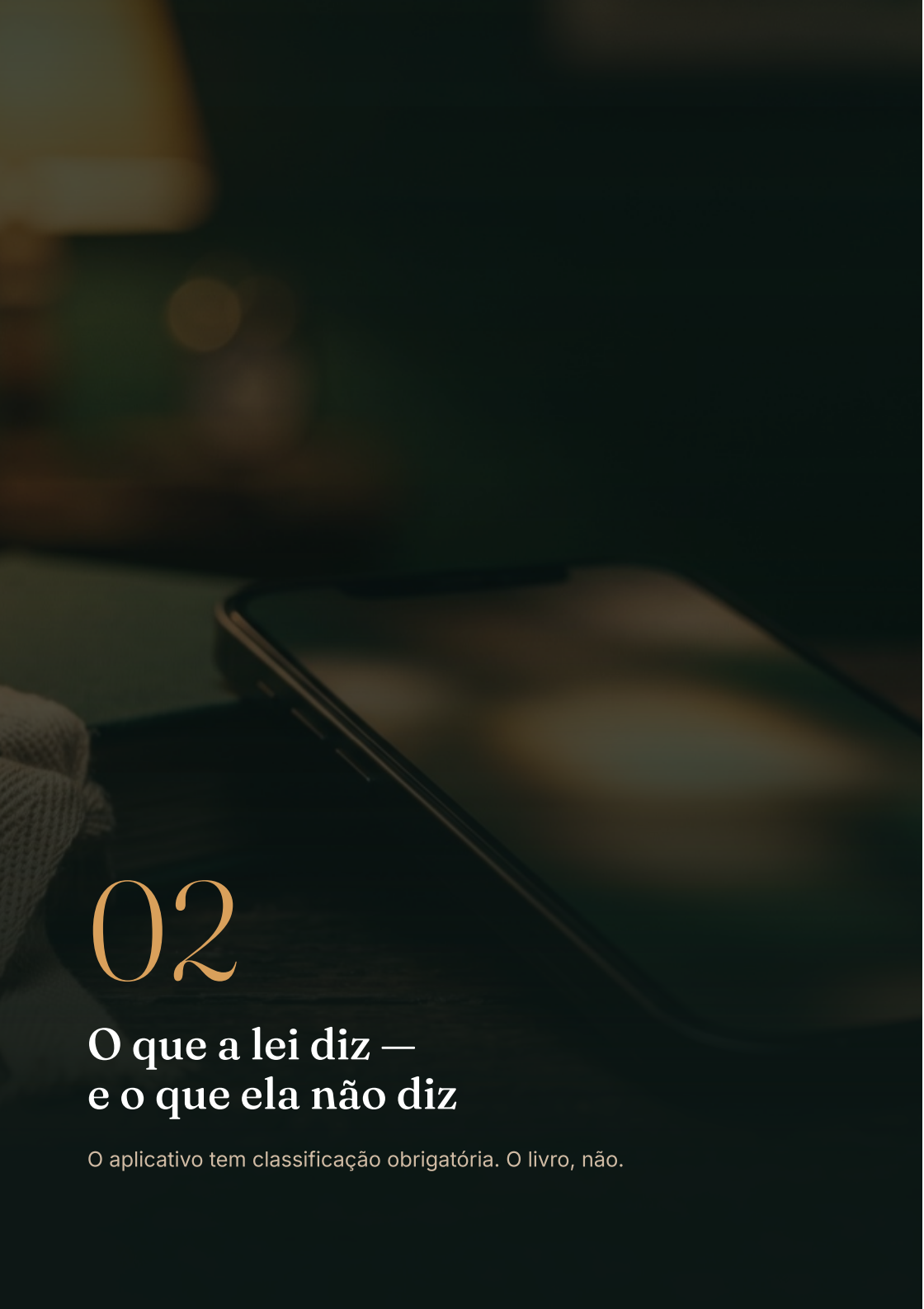
Dark romance é um subgênero de romance que mistura enredo amoroso com temas pesados. Os mais comuns: perseguição, sequestro, abuso psicológico, abuso sexual, tráfico de pessoas e violência física.

Tem um elemento específico que vale você conhecer pelo nome, porque é o que mais aparece e o que menos se comenta: **CNC**. É a sigla usada no meio para cenas de sexo explicitamente sem consentimento, escritas dentro da fantasia romântica — ou seja, apresentadas como parte da história de amor.

Duas coisas importantes, e elas não se contradizem:

O gênero é literatura adulta legítima. Tem público adulto, autoras profissionais, mercado enorme. Não estou aqui dizendo que esses livros deveriam deixar de existir.

O problema é quem está lendo. O gênero declara público de 18 a 30 anos. O que se vê na prática, dentro das escolas, é leitura a partir dos 12.



02

O que a lei diz — e o que ela não diz

O aplicativo tem classificação obrigatória. O livro, não.

Aqui está o fato que quase ninguém sabe, e que muda como você olha para isso:

Livro não tem classificação indicativa obrigatória no Brasil.

Não é falha, não é atraso: livro simplesmente não é produto classificável segundo o Ministério da Justiça. Nunca foi.

E repara no tamanho disso quando você compara com o que acabou de acontecer. Em **outubro de 2025**, o governo atualizou a classificação indicativa. Ampliou o alcance — passou a cobrir filme, série, novela, jogo eletrônico, **aplicativo e até RPG**, com quatro critérios: sexo e nudez, violência, drogas e interatividade.

Livro continuou de fora.

O aplicativo que ela baixa no celular tem classificação obrigatória.

O romance com cena de estupro que ela lê não tem nenhuma.

“Mas está escrito +18 na capa”

Está — e isso é bom. Mas você precisa saber o que isso é: **aquele “+18” é voluntário**. É a editora ou a própria autora que colocou, por responsabilidade. Não é lei, não é obrigação, não existe órgão fiscalizando, e não existe consequência nenhuma se não tiver.

Muitas autoras são cuidadosas e sinalizam. Outras não sinalizam nada. E não há como você saber qual é qual sem olhar.

E a livraria? E a escola?

Não existe restrição de venda. Não existe idade mínima para comprar. Compra online é um clique.

Nas escolas, os títulos circulam de mão em mão entre as alunas — sem passar por livraria, sem passar por adulto nenhum.

03

A pergunta que toda mãe faz: isso faz mal pra ela?

A resposta honesta — mesmo que não seja a que você queria ouvir.

Vou te dar a resposta honesta, mesmo que ela não seja a que você queria ouvir.

Não existe evidência científica de que ler ficção com conteúdo violento ou sexual cause dano psicológico em adolescentes.

Não existe. Se alguém te disser que existe, peça o estudo.

Eu poderia usar esse medo para te convencer de qualquer coisa. Não vou. Primeiro porque não seria verdade. Segundo porque, como psicóloga, eu não afirmo aquilo que a ciência não sustenta.

Então o que a pesquisa mostra?

Mostra outra coisa, e é mais útil do que o medo: **o que faz diferença é a mediação.**

O que a pesquisa disponível aponta é que a presença de um adulto conversando — pai, mãe, escola, um espaço de debate — é o que determina se a leitura vira **reflexão crítica** ou vira **normalização**.

O problema nunca foi ela ler.

O problema é ela ler sozinha.

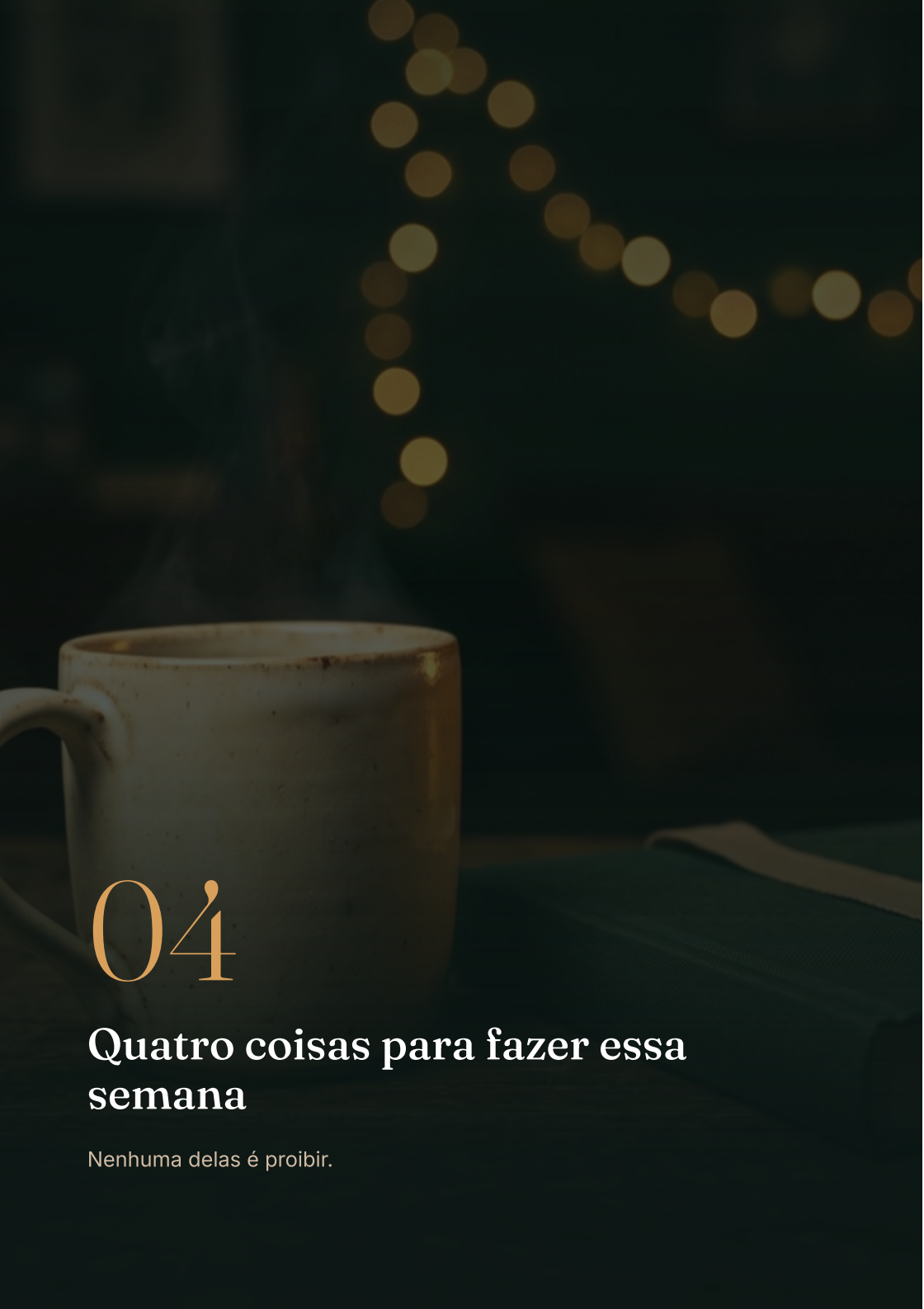
Sem ninguém para conversar sobre o que leu, a menina fica sozinha com a interpretação — e é aí que a história pode ensinar, por repetição, que ciúme é cuidado, que possessividade é intensidade, que sofrer faz parte do amor.

Não porque o livro é um monstro. Porque ninguém estava ali para dizer “espera, vamos pensar sobre isso”.

O que educadores apontam

Existe uma preocupação registrada por professores e por quem acompanha o tema: parte do público adolescente ainda está formando a capacidade de separar fantasia ficcional de referência para a vida real.

Isso é preocupação de quem observa de perto — não é conclusão científica. Estou sendo transparente com você sobre a diferença, porque você merece decidir com informação de verdade, e não com informação conveniente.



04

Quatro coisas para fazer essa semana

Nenhuma delas é proibir.

Proibir não tem respaldo na pesquisa e ainda empurra a leitura para o escondido — que é o cenário pior, porque aí ela lê sozinha.

1

Saiba o título

Não é revistar mochila. Não é vasculhar celular. É perguntar o nome do livro. Depois, um minuto de busca: o nome do livro + “gatilhos” ou “trigger warnings”. Você vai ver o que a própria autora declarou que tem ali dentro.

2

Leia a lista de gatilhos, não a sinopse

A sinopse foi escrita para vender. Ela é bonita e fala de tensão, mistério, paixão. A lista de gatilhos foi escrita para avisar. É ela que diz se tem sequestro, se tem violência, se tem sexo sem consentimento. São dois textos sobre o mesmo livro contando coisas diferentes.

3

Converse sobre a história, não sobre a proibição

A diferença não é de tom, é de resultado: uma te mantém dentro da conversa, a outra te tira dela — e a leitura continua, só que sem você.

4

Combine, em voz alta

Combinado é diferente de vigilância. Vigilância ela descobre, e quando descobre, quebra. Combinado ela participa — mesmo discordando. Combinar é dizer o critério: “livro com esse tipo de conteúdo, a gente conversa antes”. Dito, explícito, sem pegadinha.

ISSO ABRE A CONVERSA

“O que você achou do que ele fez com ela?”

“Você acharia legal se alguém fizesse isso com você?”

“Por que você acha que ela ficou com ele mesmo depois daquilo?”

ISSO FECHA A CONVERSA

~~“Você está proibida de ler isso.”~~

~~“Que absurdo, quem te deu esse livro?”~~

~~“Se eu te pegar com isso de novo...”~~

A diferença não é de tom. É de resultado.

Uma frase te mantém dentro da conversa. A outra te tira dela — e a leitura continua, só que sem você.

PARA FECHAR

Sentar do lado

Eu não estou te pedindo para tirar o livro da mão dela.

Estou te pedindo para sentar do lado.

A adolescente que lê com alguém disponível para conversar está aprendendo a pensar sobre o que lê. A que lê escondida está aprendendo sozinha — e o que ela aprende sozinha, você não escolhe.

Só é liberdade se ela tiver repertório para saber escolher. Senão não é liberdade — é só falta de supervisão.

Você está ciente agora.

O que você vai fazer com isso é seu.



Faíla Thomé

Psicóloga e logoterapeuta. Trabalha com equilíbrio emocional, maturidade e posicionamento pessoal.

@failathome

Aviso. Este material é informativo e educativo. Não é psicoterapia, não substitui acompanhamento psicológico e não constitui avaliação, diagnóstico ou orientação clínica sobre nenhum caso específico.

Se você ou sua filha estiverem passando por sofrimento intenso, procure um profissional. O **CVV (188)** atende 24 horas, é gratuito e sigiloso.